

Aos 30 anos, confusão de moedas

Em 1974, quando a inflação, na casa dos 34,5% ao ano, começava a preocupar os brasileiros, Márcia e Washington Natel tinham 15 e 18 anos. Pare eles, começar uma vida adulta significou também começar a conviver com a inflação. Hoje, aos 28 e 31 anos, revelam a sensação de jamais terem vivido sem ela: "Lembro apenas que minha família, apesar de modesta, vivia normalmente, sem essa preocupação vital de perder o padrão de vida que hoje afeta todos os brasileiros", diz Márcia. Seu primeiro contato com os problemas causados pela inflação ocorreu aos 17 anos:

"Fiz um cartão de crédito, na ilusão de que poderia comprar o que quisesse, pagando aos poucos. Comprei um aparelho de som para pagar em 12 meses. De repente, descobri que o pagamento mínimo praticamente equivalia aos juros cobrados. Ou seja, jamais conseguiria amortizar minha dívida". Na faculdade de Engenharia, Márcia e Washington tiveram um contato positivo com a inflação. Sem condições de pagar as mensalidades, pediram um crédito educativo. Por ele, teriam cinco anos para pagar as mensalidades, que começariam a ser cobradas um ano após a formatura. "Nesse tempo a inflação subiu tanto que quando venceu a primeira parcela do cré-



Edward Costa

Márcia e Washington: convivência.

dito custava menos que a passagem de ônibus", lembram.

Washington dá outro exemplo de como a inflação corrói o poder de compra. "Comprei um fusquinha em 79, em 12 meses. Só que conseguia pagar a prestação apenas com a ajuda de custo que recebia no meu trabalho. Hoje, estou pagando Cz\$ 30 mil pela prestação do consórcio de uma Quantum, que já deve estar em 70 meses." O preço do fusquinha também ilustra a dificuldade que os brasileiros têm em memorizar a moeda vigente, com seu respectivo valor: "O fusquinha custou 55. Mas não sei se é mil, milhões ou bilhões. Nem se eram cruzeiros, novos cruzeiros, cruzados. Como é que podemos lembrar valores de há dez anos, se não conseguimos memorizar nem quanto custou o que compramos ontem, tal a velocidade de aumento?"

Em 1982, Washington e Márcia montaram uma empresa com um amigo. A Oliveira e Natal, que atua no setor de construção civil. Passaram, então, a enfrentar problemas inflacionários como consumidores e como empresários: "Foi e continua a ser uma luta. Ninguém consegue agir com segurança com os vários índices utilizados para reajustes na construção civil". Hoje, como empresários, usam como moeda de cálculo a OTN e trabalham com uma inflação de 20% ao mês. Enquanto consumidores, procuram estocar produtos por pelo menos três meses para ganhar na corrida dos preços.

Márcia e Washington casaram-se em 1986. Na época, conseguiram comprar um apartamento, dando como entrada o equivalente a uma moto, um telefone e US\$ 800. Hoje, planejando os filhos, precisam de um apartamento maior. Viram um, em construção, em novembro de 87, por Cz\$ 1,8 milhão de entrada, mais um financiamento de 5 mil OTNs. Eles continuam perseguindo o corretor até hoje: "Parece uma brincadeira. Toda vez que consigo juntar o valor que ele me dá, o preço sobe de novo. De novembro até hoje, sempre me falta um milhão para comprá-lo".

Atualmente, Márcia e Washington estão confiantes. A Oliveira e Natal está colhendo os frutos do Cruzado. Os prédios lançados na época precisam agora de seus serviços. O futuro? Eles não se arriscam a prever. Habituaados que estão com a inflação, não acreditam que ela possa desaparecer: "É gozado... Sabe que na época do Cruzado eu fiquei feito barata tonta? Nem sabia como conviver sem inflação..."